



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 12, NÚMERO 4 | OUT. - DEZ. 2023
<https://doi.org/10.47295/mren.v12i4.1254>

ANÁLISE VARIACIONISTA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE A PARTIR DA MÚSICA KIZOMBA: O CASO DE PRONOMINALIZAÇÃO “DESVIADA” E ORDEM PRONOMINAL



VARIATIONIST ANALYSIS OF MOZAMBIKAN PORTUGUESE BASED ON KIZOMBA MUSIC: THE CASE OF "DIVERTED" PRONOMINALIZATION AND PRONOMINAL ORDER

BENTO ORLANDO MUTOBA

NORMA LUCIA FERNANDES DE ALMEIDA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 30/10/2023 • APROVADO EM 27/12/2023

Abstract

In the light of morphosyntactic analysis, the study, based on the contribution of the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), aims to analyze pronominalization and pronominal order in Mozambican Kizomba music, as well as to discuss the appropriation of unrecognizable structures by the standard European norm, with a view to building hypotheses of a possible search for autonomization of Mozambican speech. Thus, this work seeks to contribute to the description of Mozambican Portuguese (hereinafter, PM) in the various means of its use and in the construction of reflections on its current scenario. For that, there were analyzed seven (7) lyrics of the song Kizomba by seven (7) Mozambican musicians, accessed on the website Letras; In the theoretical-methodological framework used, it was important to use the Goldvarb X computer program (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001) for percentage analysis. The results show "diverted" pronominalization, especially in the 17-24 age group and a categorical or absolute occurrence of proclisis, both in simple and complex verbal structures, regardless of any phrasing or morphosyntactic

context. These results make us reflect that it is very possibly, for musicians, a way of entering the social context of Mozambique, of identity affirmation and of the search for the autonomy of the Mozambican variety, breaking, in this way, the standard language culture that has long been plaguing the communication of Mozambicans.

Resumo

À luz da análise morfossintática, o estudo, alicerçado no aporte da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), visa analisar a pronominalização e a ordem pronominal na música Kizomba moçambicana, bem como refletir sobre a apropriação de estruturas irreconhecíveis pela norma padrão europeia, com vista a construir hipóteses de possível busca de autonomização do falar dos moçambicanos. Assim, esse trabalho busca contribuir na descrição do Português de Moçambique (doravante, PM) nos diversos meios do seu uso e na construção de reflexões sobre o seu atual cenário. Para tanto, recorreremos à sete (7) letras da música Kizomba de sete (7) músicos moçambicanos, acessadas no site Letras; no quadro teórico-metodológico usado foi importante o uso do programa computacional Goldvarb X (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001) para análises percentuais. Os resultados mostram uma pronominalização “desviada”, principalmente, na faixa etária dos 17-24 anos e uma categórica ou absoluta ocorrência da próclise, tanto em estruturas verbais simples quanto em complexas, independentemente de qualquer contexto frásico ou morfossintático. Esses resultados fazem-nos refletir que muito possivelmente seja, para os músicos, forma de ingresso ao contexto social de Moçambique, de afirmação identitária e de busca pela autonomia da variedade moçambicana, rompendo, deste modo, a cultura de língua padrão que desde muito vem assolando a comunicação dos moçambicanos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Mozambican variety. Pronominalization. Pronominal order. Kizomba Music. Identity affirmation.

PALAVRAS-CHAVE: Variedade moçambicana. Pronominalização. Ordem pronominal. Música Kizomba. Afirmação identitária.

Texto integral

Isso tem de ser visto do ponto de vista de que Moçambique percebia que o português de Portugal servia, mas não bastava. Nós precisávamos introduzir nesse português uma marca de mudança, de identidade própria. É muito complicado fazer na língua do outro uma afirmação de nós próprios.¹

INTRODUÇÃO

¹ Afirmação de Mia Couto na entrevista: “O grande crime do racismo é que anula, em nome da raça, o indivíduo”, conduzida por Letícia Duarte para o jornal, Zero Hora”, Porto Alegre, Brasil, 07.09.2014, e retirada do texto de Mikołajczak (2019, p. 118).

A língua, dada a sua função social que se funde na necessidade da comunicação, apresenta sempre um carácter dinâmico e adaptativo ao contexto social no qual é usada e à situação dos falantes que da qual se apropriam. E a este fato, o Português Moçambicano (doravante, PM)² não é exceção, isto é, ainda que se tenha a norma portuguesa europeia vigorando como modelo a seguir, o PM tem ganhado um corpo próprio revelado por usos que autenticam a realidade sociocultural e linguística dos moçambicanos. Em outros termos, a língua portuguesa falada em Moçambique vai se firmando como uma variedade própria e, principalmente, diferente da variedade lusitana.

Embora se reconheça e se evidencie, através do ensino e trabalhos linguísticos descritivos, a existência de falares que vão dando vida a uma variedade própria dos moçambicanos em detrimento das prescrições tradicionais da norma europeia, Moçambique é um país com cultura de língua padrão, onde determinados falantes, através de atitudes populares que configuram um policiamento linguístico com uma crença de correção, aderem à ideologia do padrão, sendo, por isso, qualquer heterogeneidade ou manifestação linguística alheia a norma padrão vista como errada, pois na sua consciência só uma variante do uso da língua pode estar certa e acreditam que a língua existe apenas de forma padronizada. São, pois, atitudes que Milroy (2011) vai olhá-las como efeito da padronização.

Nesse sentido, em Moçambique vai se promovendo a invariância ou a uniformidade na estrutura da língua por meio de práticas de correção e práticas ideologicamente carregadas, revestindo preconceitos linguísticos que se resumem na ideia de quem fala mal (agramaticalidade) em interface de quem fala bem (gramaticalidade), prestigiando a norma do Português Europeu (doravante, PE) como modelo da competência linguística.

Todavia, mesmo ainda predominando a pressão da norma do PE, determinados traços linguísticos que marcam a variedade do PM têm ganhado espaço no seio nacional em contextos pouco imaginável a sua ocorrência, não só a nível da fala oral na qual se julga que haja poucos cuidados, principalmente pelos conservadores de “bem falar” da língua que cultivam resistências fortes, as vezes de maneira preconceituosa, com vista a preservar a norma padrão europeia, mas também a nível de expressões artísticas que marcam a identidade cultural moçambicana, muito provavelmente, em busca de afirmação senão autonomia da variedade do PM.

Verifica-se, por exemplo, em certas músicas moçambicanas, principalmente do estilo *Kizomba*, fenômenos morfossintáticos que constituem desvios linguísticos a luz da norma padrão europeia, e sem falar, embora não seja o nosso foco, de categorias lexicais que denunciam a realidade sociocultural e linguística dos moçambicanos. Isto é, ouve-se ou visualiza-se em algumas letras dos músicos moçambicanos construções como:

² PM – usa-se esta sigla para se traduzir a expressão “Português de Moçambique”, uma nomenclatura também adotada por Mendes (2010), às vezes por Gonçalves (2005, 2012) em seus artigos; diferentemente de autores como Lopes (1997) e Firmino (1988) que adotam as expressões “Português moçambicano” e “Português falado em Moçambique”, respectivamente.

- (1) **Vamos se chocar** com amor. (Tamyris Moyane; Cleyton David – Comandante)
- (2) **Vamos se perdoar**, baby. (Dikey Latify – deixar de lado)
- (3) **Mal eu te conheci, eu me estacionei** - (Twenty Fingers)

Isto é, observa-se em (1) e (2) orações com estrutura do complexo verbal na qual a pessoa gramatical da forma do verbo funcional não concorda com o clítico pronominal com o qual ocorreu, pois se trata de um clítico da terceira pessoa gramatical (se), sendo que, nestes contextos, a norma da variedade europeia reconhece a pronominalização do pronome oblíquo átono (nos) correspondente a mesma pessoa e número da forma do verbo funcional, que tem o pronome reto “nós” como o seu sujeito, recuperável pela desinência verbal (-mos = sufixo flexional da primeira pessoa do plural) uma vez subentendido.

E em termos de colocação, ainda nos exemplos já destacados, o clítico ocorre na posição intra-complexo verbal, com próclise ao verbo principal, ou seja, à esquerda do verbo temático infinitivo; Em (3) temos uma estrutura verbal simples com próclise ao verbo sem antecedência de alguma categoria atrativa, uma estrutura que se enquadra naquelas que Carneiro (2016) chamou de orações V2, onde o verbo se encontra “na posição não inicial em orações não dependentes”. Estruturas totalmente excluídas pela norma oficial da variedade europeia.

Com experiência ou conhecimento da mesma variedade, reconhecemos que são, portanto, traços típicos do português falado em Moçambique por maior parte da população e que vemos inseridas nas obras musicais de alguns artistas moçambicanos.

Repare-se que os artistas que inserem esses traços nas suas produções artísticas musicais, alguns são da classe alta ou média e têm um grau de escolaridade variando entre médio e superior, fato que pode desbancar a hipótese de que o uso desses traços seja motivado por falta do conhecimento da norma padrão em vigor em Moçambique (como se postula em alguns estudos que buscam os fatores condicionadores destes desvios) e favorecer a hipótese de que seja uma forma de ingresso ao contexto social de Moçambique e de afirmação da identidade linguística moçambicana.

Pois tal como postulam Lundberg e Ternhag (1996, p. 132) “cada grupo de pessoas no mosaico tem de manifestar as suas próprias características distintas num campo estritamente definido de expressões culturais”, os artistas Moçambicanos têm na música um espaço para exibir a sua natureza cultural específica na sociedade. E obviamente, vista como um produto cultural, a música configura-se relevante, uma vez que mantém viva a memória e a identidade de uma comunidade.

Nesse ponto, encontra-se coerência com o pensamento de Santos (2017, p. 228), segundo o qual “a música, possibilita o resgate [...] de características culturais de um determinado grupo social e dos indivíduos que nele estão imersos”, [...] com a finalidade não só de promover, mas de “preservar e reinventar valores, normas e costumes no interior daquele grupo social” (Brasil, 1997, p. 134).

À vista disso, os objetivos deste trabalho consistem, então, em, dentro do sistema pronominal, analisar a pronominalização e a ordem pronominal na música

Kizomba moçambicana. Especificamente, descrever o processo de pronominalização oblíqua átona e a ordem pronominal nas letras da música *Kizomba* moçambicana; como por fim, refletir sobre a apropriação dessas estruturas irreconhecíveis pela norma padrão europeia na música moçambicana do estilo *kizomba*, com vista a construir hipóteses de possível busca de autonomização do falar dos moçambicanos.

Para tal, recorreremos a sete (7) letras da música *Kizomba* de sete (7) artistas moçambicanos atualmente populares e mais tocados em Moçambique, neste caso, os temas: “Comandante” e “mais velhos” (Tamyris Moyane; Cleyton David); “deixar de lado” (Dikey Latif), “Nakuphenda” (Twenty Fingers), “Dor de Cotovelo” (Filomena Maricoa; Messias Maricoa) e “se acalma” (Percella), acessadas no site Letras³. Sendo o critério da seleção desses artistas a idade, o nível de socialização, a origem e a língua usada para as suas produções musicais (português). E apropriamo-nos do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]) e no concernente aos resultados percentuais recorreremos ao programa computacional Goldvarb X (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001).

Estruturalmente, o presente artigo encontra-se segmentado em cinco subsequentes seções que consistem nos seguintes tópicos: Breves comentários gramaticais sobre pronominalização e colocação pronominal no Português; Procedimentos Teóricos-metodológicos; Pronominalização “desviada” na música *kizomba* moçambicana; A ordem pronominal na música *kizomba* moçambicana; A variedade moçambicana na música *kizomba*: rompendo a cultura do padrão; para além das considerações finais.

BREVES COMENTÁRIOS GRAMATICAIS SOBRE PRONOMINALIZAÇÃO E COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS

Antes de mais importa referir que estamos no âmbito de discussões gramaticais alicerçadas no sistema pronominal com enfoque na pronominalização oblíqua átona e a ordem dos mesmos elementos pronominais. Assim, por pronominalização entende-se como um termo gramatical (do domínio linguístico) utilizado para designar a substituição de um nome ou de um sintagma nominal por um pronome (pessoal, possessivo, demonstrativo). Nesse âmbito, voltamos os olhares aos pronomes pessoais que, segundo Arsênio (2018), a sua definição varia de gramática para gramática ou de autor para autor, e explica:

[...], na Gramática do Português Moderno, os pronomes pessoais são aqueles que indicam as pessoas referenciadas na fala, bem como o número gramatical. Mas, na Gramática do Português, os pronomes pessoais são expressões nominais que não têm conteúdo referencial inerente, ou seja, não têm autonomia referencial. A sua referência estará sempre

³ Site de música que oferece letras, traduções, cifras e o melhor player para ouvir músicas e assistir vídeos mais populares.

dependente da situação de enunciação ou do contexto linguístico ou discursivo. (p. 7)

Todavia, entende-se, no geral, que pronome é a palavra que se emprega, normalmente, em substituição de um nome. E de acordo com Albertani (2020) existem dois tipos de pronomes pessoais que estabelecem uma certa correspondência e/ou concordância, neste caso, os retos aqueles que substituem ou dão nome às pessoas e conjugam os verbos; e os oblíquos que também dão nome às pessoas, porém, usados quando a pessoa não está conjugando o verbo, e sim sofrendo a ação/influência dele.

A mesma autora explica que cada forma pronominal, reto (ou oblíquo), estabelece uma correspondência com cada pessoa gramatical ou traz características próprias da classe gramatical correspondente. Assim, em Cunha e Cintra (2014), entendemos que os pronomes: eu (me), tu (te), ele/ela (se), nós (nos), vós (vos) e eles/elas (se) correspondem, respectivamente, a 1ª pessoa do singular, 2ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, a 1ª pessoa do plural, 2ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural.

Porém, o nosso foco está voltado aos pronomes pessoais oblíquos átonos na sua relação com a forma verbal (que podem estar na forma acusativa ou dativa, respectivamente, com função sintática de objeto direto e indireto), especificamente, da 1ª pessoa do plural correspondente, em termos de concordância, ao pronome oblíquo átono “nos” (nós amamo-nos à nossa maneira), no que tange ao processo de pronominalização.

Relativamente à ordem pronominal (oblíqua átona) na sua relação com o verbo, importa referir que existem duas gramáticas oficiais, neste caso a da variedade europeia e variedade brasileira, que nos permitiram construir os nossos comentários em relação à temática.

Segundo Carneiro (2016, p. 141), a colocação dos pronomes clíticos é um fenômeno que distingue o PE do PB. “Naquele, a distribuição entre próclise (cl-V) e ênclise (V-cl) é sensível ao tipo de oração e, nesse, há um uso com tendência à generalização da próclise (cl-V), sem restrição de contexto”. Em consonância, Vieira; Vieira (2018, p. 277) argumentam que:

Considerando o contexto de interações espontâneas e, portanto, supostamente sem maior controle em termos de monitoração estilística, sabe-se que colocar o pronome átono antes ou depois do verbo em início de oração ou em contextos sem a presença de algum elemento gramatical do tipo proclisador – como em *me dá um cafezinho* versus *dá-me um cafezinho* ou, ainda, em *o texto se refere* versus *o texto refere-se* – constitui, sem dúvida, expressão suficiente para a definição identitária do falante quanto ao pertencimento a uma das duas [...] variedades.

Então, toma-se essas manifestações como grandes demarcações das duas referidas variedades. Carneiro (2016, p. 141) assevera, ainda, que no PB

contemporâneo, prevalece a próclise em orações com verbo em posição (V1-cl) ao longo da história da língua portuguesa em Portugal. E o mesmo se verifica nas orações com verbo em segunda posição (V2), em determinados contextos em que o PE passou a generalizar a ênclise.

Vieira (2016, p. 174) explica que, nas estruturas verbais simples, o PE:

Permite a generalização de que existem contextos de (i) ênclise categórica (início absoluto de oração e de período); (ii) próclise altamente favorecida (partículas de negação, elementos subordinativos, preposições – *para, de, por e sem* – e operadores de foco); e (iii) próclise altamente desfavorecida (adjuntos adverbiais, complementos preposicionados, preposições – *a e em* –, sujeitos e conjunções coordenativas).

Portanto, diferentemente da variedade do PB que se mostra não depender de nenhum fator para a colocação do clítico na ordem proclítica, no PE a alternância entre ênclise e próclise depende de alguns fatores internos acima elencados para o uso da próclise, sendo, na ausência deles, produtiva a posição posterior ao verbo (ênclise).

E em complexos verbais, o PB “admitiria como opção preferencial a posição do clítico interna ao complexo, o que corresponderia, na realidade, a uma próclise à segunda forma verbal” (qualquer dia desse vou te convidar pá você ir lá, viu? [Carneiro, 2016, p. 162]). Já no PE há uma efetividade de ênclise à primeira forma verbal do complexo (começou-me a dizer; pode-me amanhã dizer. [Vieira; Vieira, 2018]). E além da variante enclítica a v1, também se registra com produtividade a ênclise à segunda forma verbal (Vieira e Vieira, 2018). Salvo os casos da existência de proclisadores que segundo a mesma autora:

A presença de elementos proclisadores, embora favoreça a próclise ao complexo (*que me pode dizer*), não apresenta atuação categórica, tendo havido também ênclise à primeira forma verbal (em complexos com gerúndio e particípio, como em *que vem-me visitando* ou *que tinha-me encontrado*) ou à segunda (em complexos com infinitivo, como em *que pode dizer-me*). Não havendo elemento proclisador, a ênclise – a v1 ou a v2-constitui opção natural. Clíticos imediatamente antes de v2 ficam restritos a complexos com *ter que/de* – o que não permite afirmar uma efetiva próclise a v2.

Portanto, temos essas particularidades da variedade do PE em distinção da variedade do PB, que por sua vez mostra a efetividade da próclise em estruturas simples e complexas independentemente do contexto morfossintático, conforme se

atesta no estudo de Carneiro (2016), Vieira (2016), Vieira e Vieira, (2018), Araújo e Silva (2019), entre outros.

PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa baseia-se na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), do campo da sociolinguística que procura analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, tendo sempre em mobilização os fatores internos e externos que podem influenciar a dinâmica da língua.

Trindade (2021, p. 52), ao interpretar a teoria de William Labov da variação e mudança, explica que:

Os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade, mostrando a variação e mudança linguística a partir dos pontos de vista diacrônico e sincrônico, entendendo que a língua possui um funcionamento dinâmico e não mecânico, articulando o comportamento linguístico e o social. Do ponto de vista diacrônico, o pesquisador estabelece dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes que estão em desuso. Do ponto de vista sincrônico, aborda tomando por base três pontos de vista: diatópico, diastrático e estilístico.

Assim, esta pesquisa toma uma perspectiva sincrônica à medida que vai descrevendo os fenômenos linguísticos em uma expressão artística decorrente no mesmo contexto temporal.

Para tal, recorreremos à sete (7) letras da música *Kizomba* de sete (7) artistas moçambicanos atualmente populares e mais tocados em Moçambique, neste caso, os temas: “Comandante” e “mais velhos” (Tamyris Moyane; Cleyton David); “deixar de lado” (Dikey Latif), “Nakuphenda” (Twenty Fingers), “Dor de Cotovelo” (Filomena Maricoa; Messias Maricoa) e “se acalma” (Percella), acessadas no site *Letras*. Sendo o critério da seleção desses artistas a idade, o nível de socialização, a origem e a língua usada para as suas produções musicais (português).

Através de vídeos de YouTube que trazem conteúdo sobre trajetória e/ou biografia dos artistas moçambicanos, tivemos o conhecimento de que dos músicos tomados como informantes neste artigo, 4 nasceram na zona urbana e residem atualmente na capital do país (cidade de Maputo), 1 nasceu na zona rurbanda (Beira) e reside na cidade capital do país (Cidade de Maputo) e 2 nasceram na zona rurbanda e atualmente residem na capital da província/estado de Nampula (nampula). E fizemos a sua distribuição em quatro variáveis extralinguísticas, a observar no Quadro 01:

QUADRO 01: Variáveis sociais observadas nos informantes da amostra

Faixa etária	Faixa I: 17-24 anos Faixa II: 28-35 anos
Sexo	Masculino Feminino
Estatuto de língua portuguesa	L1 L2
Escolaridade	Médio Superior

Para além das variáveis sociais, observamos as variáveis internas/linguísticas: i) o tipo de clítico, ii) tipo de oração, iii) presença ou não do elemento proclisador; iv) distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento antecedente, pessoa, tempo; v) nas estruturas verbais complexas apenas consideramos complexos verbais com infinitivo (*não vou te largar nunca*).

No concernente aos resultados percentuais, após a organização dos dados, codificamos e recorremos ao programa computacional Goldvarb X (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001) apropriado para o processamento de dados.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Vamos, nesta seção, apresentar e analisar os dados referentes a pronominalização e ordem pronominal na música *kizomba* moçambicana. De salientar que, devido a quantidade reduzida dos dados, achamos possível analisar, no *corpus* da pesquisa, a ordem pronominal em construções com uma só forma verbal (lexias verbais simples) e com mais de uma forma verbal (complexos verbais).

PRONOMINALIZAÇÃO “DESVIADA” NA MÚSICA KIZOMBA MOÇAMBICANA

Kizomba é um estilo musical produzido em Moçambique e Angola que tem o português a sua língua de expressão e que em grande escala tematiza sobre o amor, onde há um “eu” que se dirige a um “tu” ou há um “nós” em referência ao “eu e tu”. Razão pela qual nesse estilo musical há um uso recorrente da primeira pessoa, tanto do singular (eu) tanto do plural (nós), e da segunda pessoa gramatical do singular (tu), consequentemente, predominando formas verbais com sufixos flexionais correspondentes às mesmas pessoas gramaticais.

E uma questão linguística nas letras musicais do estilo *kizomba* em Moçambique que nos tem chamado atenção está voltada ao comportamento dos clíticos pronominais, neste caso concreto, a pronominalização oblíqua átona em contextos em que o sujeito da construção frásica nos remeta a primeira pessoa

gramatical do plural. Isto é, observa-se em letras musicais de diferentes músicos com perfis diferentes (em termos de escolarização, idade e origem) um fenômeno que chamamos de “pronominalização indevida” que se traduz na não ocorrência da concordância entre o clítico pronominal e a pessoa da forma verbal, conforme abaixo exemplificamos:

Ex. 4:

Discutimos se zangamos
 Mas a gente **não se larga**
 [...]
Vamos se amar mesmo com dificuldades
 Num **vamos se** largaré
Vamos só se amaré
 (A.C. Faixa I)

Ex.5:

Então vamos lá
 Vamos lá, vamos lá
Vamos se render
Vamos se beijar
 (F. Faixa II)

Como se observa nos exemplos acima plasmados da Faixa I e II correspondentes aos temas “deixar de lado” e “Mais Velhos”, respectivamente, dos músicos Dikey Latif e Tamyris Moyane com participação do Cleyton David, não houve uma devida correspondência entre a forma verbal “vamos” (1ª pessoa do plural) e o pronome clítico “se” (3ª pessoa do singular ou plural).

A luz da gramática, conforme compreendemos em Cunha e Cintra (2014), é preciso haver correspondência entre os pronomes pessoais retos e oblíquos, e para este caso dos exemplos supracitados onde temos [pro], uma vez a desinência verbal ou o sufixo flexional [-amos] remeter-nos a primeira pessoa do plural que tem o “nós” como seu pronome pessoal reto, teria havido correspondência se se tivesse usado o pronome pessoal oblíquo átono “nos”, obviamente, nestas construções em que a 1ª pessoa do plural sofreu a ação/influência do verbo.

Contrariamente, o fenômeno que se observa nesses enunciados é o uso do pronome oblíquo átono “se” que não corresponde à pessoa do pronome reto que desempenha função gramatical de sujeito ou da forma verbal de cada uma das frases acima destacadas.

É, pois, um fenômeno que Gomes (2019), ao estudar sobre as particularidades do PM na cidade de Xai-xai (Moçambique), vai atestar que ocorre em manifestações linguísticas de grupos sociais específicos, sobretudo, aqueles que têm um menor grau de escolaridade ou que têm o Português com L2⁴. Porém, para o caso dos dados aqui analisados, importa referir que se trata de letras de músicos do ensino médio (com idade de 17 e 18 anos) e ensino superior ([alguns não concluído] com idade de 24, 28, 29 e 35 anos), sendo que quatro (4) deles nasceram e residem na cidade capital do país onde há maior disseminação do Português ajustado às prescrições da norma europeia e três (3) são da cidade capital de

⁴ Para o caso de Moçambique refere-se ao Português em situações em que o falante tem acesso aquisicional do mesmo depois de se apropriar de uma outra língua local normalmente do grupo Bantu.

Nampula. Fato que nos leva a pensarmos numa possível afirmação ou busca pela autonomia do falar que configura o PM.

Em termos de distribuição geral dos dados, especificamente nos dados onde ocorre a pronominalização em complexos verbais com o verbo funcional na primeira pessoa do plural, registamos, dentro da variável de pronominalização, uma alta produtividade da variante que se desvia das prescrições da norma padrão europeia (91,6%), neste caso, a não concordância entre o sujeito (SU) e o pronome pessoal oblíquo átono.

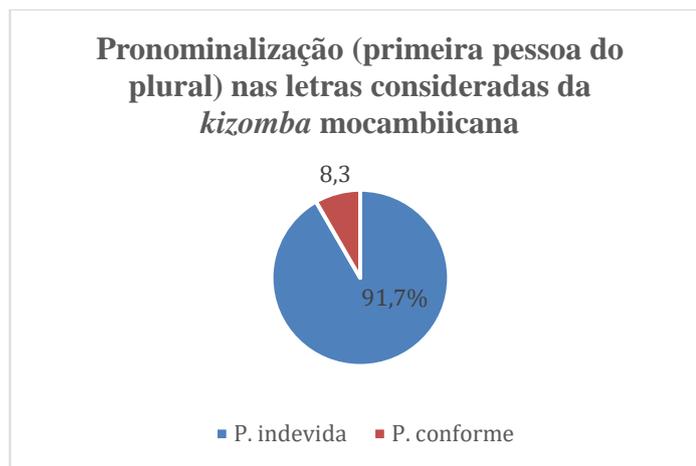


Figura 1: A pronominalização em forma verbal da terceira pessoa do plural nas letras da *Kizomba* moçambicana

Como se pode observar, há tendência de pronominalização “indevida” nas expressões musicais do estilo *kizomba*, isto é, nas letras analisadas das 12 (100%) ocorrências de pronominalização na primeira pessoa do plural, 11 (91,7%) apresentaram uma pronominalização “indevida” e apenas 1 (8,3%) apresentou uma conformidade na pronominalização (correspondência ou concordância em pessoa e número entre o pronome reto e pronome átono).

De salientar que as ocorrências de pronominalização “indevida” foram mais observadas nas letras dos músicos da faixa etária dos 17 a 24 anos e que para todos informantes desta faixa etária, a língua portuguesa tem estatuto de língua primeira (L1), o que nos faz pensarmos que talvez se trate de uma manifestação linguística mais ligada aos jovens, mas que pode ir se consolidando, considerando os contextos do seu uso e as pessoas que as usam.

A ORDEM PRONOMINAL NA MÚSICA KIZOMBA MOÇAMBICANA

Ainda no âmbito de pronominalização outra questão que observamos nas letras dos músicos moçambicanos no estilo *kizomba* tem que ver com a ordem dos

clíticos pronominais, tanto em estruturas verbais simples, assim como em complexos verbais, como nos exemplos (4 e 5) deste texto, isto é, parece haver uma efetiva produtividade da próclise independentemente de qualquer estrutura verbal e/ou contexto frásico/morfossintático.

Construções com estruturas verbais simples

O PM é, através dos estudos de Perpétua Gonçalves, conhecido como uma variedade de ênclise generalizada pelo fato de se ter atestado a sua ocorrência em contextos em que se espera a anteposição do pronome ao verbo, tal como lemos em Petter (2016) e Vieira; Vieira (2018).

Todavia, nas letras das *kizombas* moçambicanas observa-se uma preferência pela posição pré-verbal independentemente do contexto morfossintático. Diferindo-se assim da variedade do PE, padrão dos moçambicanos, que, segundo Vieira (2016, p. 174):

Permite a generalização de que existem contextos de (i) ênclise categórica (início absoluto de oração e de período); (ii) próclise altamente favorecida (partículas de negação, elementos subordinativos, preposições – para, de, por e sem – e operadores de foco); e (iii) próclise altamente desfavorecida (adjuntos adverbiais, complementos preposicionados, preposições – a e em –, sujeitos e conjunções coordenativas).

Nos dados analisados, a colocação dos clíticos pronominais parece não ser sensível a nenhuma das condicionalidades internas acima elencadas, pois há uma categórica ou produtiva anteposição do clítico ao verbo, conforme nos dados abaixo se lê:

Ex.6: **Mal eu te conheci**
Eu me estacionei
 Eu era um carro baby, que andava de
 parque em parque
Mal eu te conheci
Me estacionei
 (G. Faixa II)

. 7: **A gente não se larga**
 Estão com calor-ê
Porque eu te amo, você me ama
 Estão com rancor-ê
 (D.E. Faixa II)

Nos exemplos acima tanto em orações V1 (me estacionei) como em orações V2 (você me ama) observamos uma efetividade de próclise, e parece que essa anteposição ao verbo não depende de nenhum fator interno, dado que ocorre tanto

em orações V1 quanto em V2 com ou sem elemento proclisador, conforme evidente no exemplo (7).

E nos dados analisados não há também algum fator social que evidencia a referida instabilidade que caracteriza a variedade do PM no seu todo, visto que independentemente do sexo (masculino e feminino), idade (17-24 e 28-35 anos), origem (cidade de Maputo, cidade da Beira e cidade de Nampula), estatuto da língua (L1 ou L2) e nível de escolaridade (médio e superior) de cada artista (dos 7 artistas) atestamos, em cada expressão musical, o mesmo comportamento de colocação pronominal em lexias verbais simples.

Em termos de totalidade e distribuição das ocorrências de clíticos em estruturas verbais simples, recorreremos a figura 2 para mostrar a produtividade da próclise.

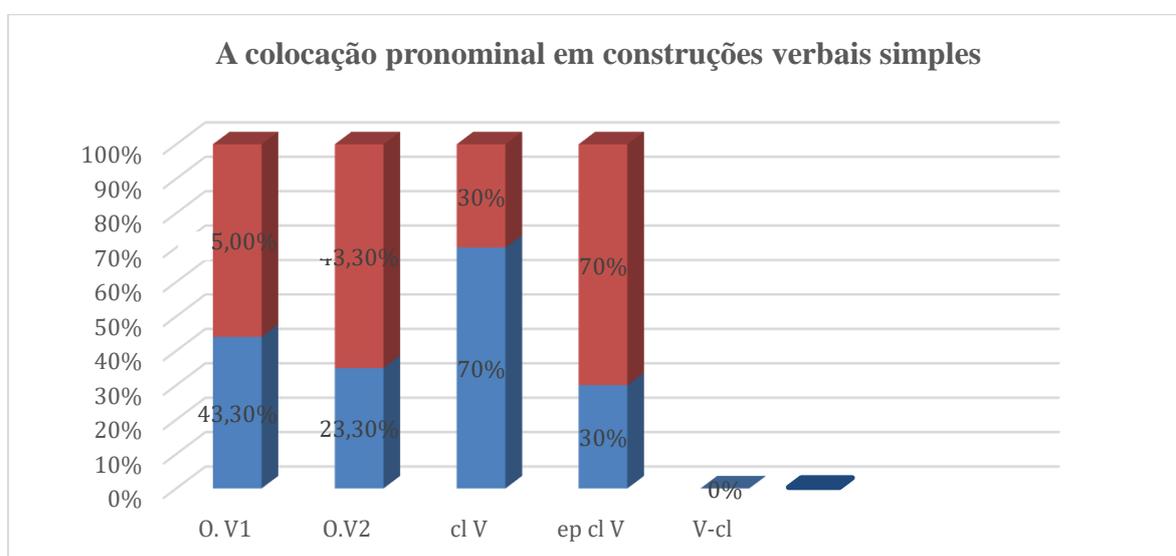


Figura 2: A ordem pronominal em construções verbais simples das letras da *Kizomba* moçambicana

Como se observa, todas as ocorrências estão, em diferentes contextos morfossintáticos, na posição próclítica, o que significa que nos dados analisados não foi observado nenhuma ocorrência de ênclise em nenhum contexto morfossintático. Isto é, das 30 ocorrências, o clítico pronominal ocorre em: 13 (43,3%) ocorrências na posição próclítica em orações V1 e 7 (23,3%) na posição próclítica em orações V2 e, as demais em diversos outros contextos.

Relativamente, à presença/ausência de elementos intervenientes no complexo verbal, observamos que 21 (70%) ocorrências apresentam o clítico na posição próclítica ao verbo sem presença de elemento proclisador e 9 (30%) apresentam o clítico na posição próclítica ao verbo com presença de elemento proclisador. Portanto, está aqui evidente que nos dados analisados observa-se uma certa produtividade, senão efetividade da próclise.

Essas observações relativamente à ordem dos clíticos nesta expressão artística moçambicana parecem confirmar uma das afirmações de Avelar e Galves (2014, p. 274) segundo a qual constitui um dos traços partilhados pelas variedades africanas com o PB a colocação pré-verbal dos pronomes clíticos. Parecem ainda estar alinhadas a comparação que Vieira; Vieira (2018) fazem dos estudos no tempo sobre a mesma temática:

Comparando os resultados gerais obtidos da fala de apenas seis entrevistas sociolinguísticas produzidas em 2016 [...] aos obtidos por Vieira (2002), verifica-se, em termos absolutos, índice menor do uso dos pronomes oblíquos na posição pós-verbal. Os índices revelaram alta produtividade da próclise na amostra observada, que chega a 69,3% dos dados coletados na fala dos seis informantes. (p. 304-305)

As nossas análises e esse comentário de Vieira; Vieira (2018) parecem revelar um estágio de evolução a uma tendência própria desta variedade em formação que é o Português de Moçambique.

E pelo que tudo indica, excetuando a variedade lusitana, esta deve ser uma tendência típica das diversas variedades do português, conforme se atesta em Araújo; Silva (2019) ao compararem o PB e PA, onde acabariam por aventar a hipótese de que “haveria semelhança entre o PB e português angolano (PA), sendo a próclise a colocação com maior frequência de uso em ambas variedades.”

Construções com complexos verbais

Em construções com complexos verbais nas letras da kizomba moçambicana observa-se um predomínio da colocação do clítico na posição intra-complexo verbal, com próclise ao verbo temático infinitivo com ou sem antecedência de alguma categoria proclisadora:

<p>Ex. 8:</p> <p>Não vou te largar nunca Eu não estou a te enganar Eu vou gritar bem alto para o mundo ouvir e saber [...] Não vou te largar nunca Vou te matar de amor (yah) (G. Faixa II)</p>	:	<p>Vamos se chocar com amore Vamos se bater com amore [...] Não vou te faltar respeito eu vou te honrare E esse amor que dás eu vou te dar a dobrare (C. A. Faixa I)</p>
--	---	--

Pelo que se observa nos exemplos (8 e 9), parece que a colocação pronominal não é sensível às variáveis estruturais referentes ao contexto morfossintático da sua ocorrência tal como sucede no PE. A próclise ao verbo temático infinitivo, nas construções com mais de uma forma verbal (perífrases diversas), mostra-se efetiva nas letras musicais consideradas, uma semelhança a variedade do PB na qual mostra-se, de acordo com Vieira; Vieira (2018, p. 282), como “opção preferencial a posição do clítico interna ao complexo” [V1 cl V2].

Ao contrário desta invariabilidade da colocação pronominal em complexos verbais que observamos nos dados em análise, no PE, variedade que nos serve de motriz para as nossas análises uma vez ainda dada o estatuto de norma padrão do Português em Moçambique, a ênclise depende de fatores internos, isto é, “não havendo elemento proclisador, a ênclise a V1 ou V2 constitui uma opção natural” (eu vou-te dar ou eu vou dar-te). E havendo elemento proclisador, a próclise ao complexo com infinitivo (Não te vou largar) é quase categórica, sendo “a V2 restrita a complexos ter que/de” (ex: ter que me ensinar ou ter de me ensinar) e admitida a opção de ênclise ao V2, infinitivo temático, (Não vou largar-te). (Vieira; Vieira, 2018, p. 284)

Mediante o detalhamento dos resultados a figura 3 permite visualizar a colocação pronominal em complexos com infinitivo nos dados analisados, em contextos com presença ou não de algum elemento proclisador.

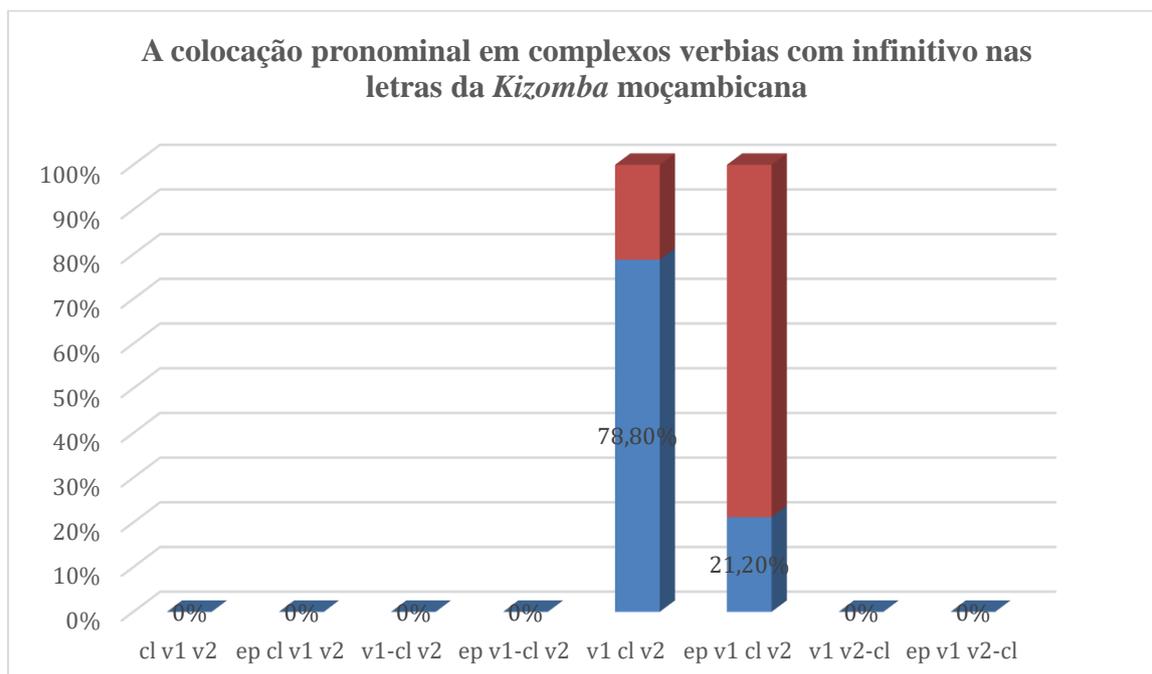


Figura 3: A ordem pronominal em complexos verbais nas letras da *Kizomba* moçambicana

Como se pode observar na figura 3, somente houve ocorrência nos dados analisados do clítico pronominal na posição intra-complexo com próclise a V2, tanto em contextos sem elemento proclisador (v1 cl v2 = *vou te amar até morrer*), assim como em contextos com elemento proclisador (ep v1 cl v2 = *eu não vou te aturar*),

isto é, das 52 (100%) ocorrências em complexos verbais observadas nos dados, 41 (78.8%) apresentam clítico na posição proclítica ao verbo infinitivo temático sem elemento proclisador e 11 (21,2%) apresentam clítico na posição proclítica ao verbo infinitivo temático com elemento proclisador.

De salientar que neste texto consideramos apenas complexos com infinitivos e com apenas um verbo auxiliar em função do que o nosso *corpus* nos mostrou, isto é, observamos apenas nas letras analisadas ocorrências ou orações finitas de complexos verbais com verbo temático no infinitivo e um verbo funcional. E relativamente ao tipo de clítico foram observados nas ocorrências os seguintes tipos: me (2x), te (27x), se (18x), lhes (4x) e nos (1), observa-se que o pronome clítico “te” foi mais produtivo, devendo-se pelo fato de ser um estilo musical em que predomina a figura do eu” que se dirige a um “tu”, conforme já explicado no segundo parágrafo desta seção de discussão de dados.

Enfim, observa-se que no *corpus* analisado referente ao português de Moçambique há uma efetiva apropriação da próclise, tanto em estruturas verbais simples quanto em complexas, independentemente de qualquer contexto frásico ou morfossintático.

A VARIEDADE MOÇAMBICANA NA MÚSICA KIZOMBA: ROMPENDO A CULTURA DO PADRÃO

Moçambique é um país com cultura de língua padrão, onde determinados falantes, através de atitudes populares que configuram um policiamento linguístico com uma crença de correção, aderem à ideologia do padrão, sendo, por isso, qualquer heterogeneidade ou manifestação linguística alheia a norma padrão vista como errada, pois na sua consciência só uma variante do uso da língua pode estar certa e acreditam que a língua existe apenas de forma padronizada. São, pois, atitudes que Milroy (2011) vai olhá-las como efeito da padronização.

Nesse sentido, em Moçambique vai se promovendo a invariância ou a uniformidade na estrutura da língua por meio de práticas de correção e práticas ideologicamente carregadas, revestindo preconceitos linguísticos que se resumem na ideia de quem fala mal (agramaticalidade) em interface de quem fala bem (gramaticalidade), prestigiando a norma do Português Europeu como modelo da competência linguística.

Não obstante, ainda que esforços oficiais e oficiosos de replicação da norma europeia não faltem, o Português falado em Moçambique tem vindo a ganhar um caráter uno e nacional em decorrência da sua apropriação linguístico-cultural e simbólico-ideológica pelos moçambicanos, daí o surgimento doutra língua portuguesa no país.

E esse português “afeiçoado à cor e à textura da nação moçambicana” (Mia Couto) vai ganhando espaço, conforme observado, em algumas expressões artísticas, como a música, muito provavelmente, como tentativa, por parte dos artistas, de refletir a originalidade da variedade local ou da apropriação natural da variedade do PM.

Num país com cultura de língua padrão como Moçambique, mesmo na necessidade de adequação melódica, é pouco provável pensar-se que manifestações linguísticas como as apresentadas nas seções anteriores deste texto possam ser observadas em expressões musicais, principalmente, o fenômeno de pronominalização “indevida”, até mesmo a produtiva ou efetiva ocorrência de próclise em estruturas verbais simples e complexas independentemente de qualquer contexto morfossintático.

Considerando que a música passa por um todo processo de produção desde a letra, gravação até a captação, processo que se dá, muitas vezes, do envolvimento de uma coletividade de pessoas. E considerando ainda o perfil dos artistas donos das músicas que nos serviram de *corpus* para as nossas elucubrações, pois, como bem antes explicado, trata-se de artistas com nível de escolaridade médio e superior, residentes nas cidades capitais das províncias/estados do país, sendo que quatro (4) deles têm a língua portuguesa com estatuto de L1 e apenas três (3) com estatuto de L2.

Fato que, possivelmente, desbanque a hipótese de que o uso desses traços seja motivado por falta do conhecimento da norma padrão em vigor em Moçambique (como se postula em alguns estudos que buscam os fatores condicionadores destes desvios) e favorecer a hipótese de que seja uma forma de ingresso ao contexto social de Moçambique e de afirmação da identidade linguística moçambicana por meio da música.

A música e outras formas culturais têm funções importantes como marcadores de identidade de um grupo. Com a música podemos dizer quem somos nós, o que é nosso enquanto nação, rompendo, desta feita, certas imposições. De acordo com Lundberg (2010, p. 40):

A música é uma parte importante da nossa identidade e o seu potencial simbólico reside no fato de poder ser usada para expressar e manter tanto as diferenças como as similaridades. No contexto internacional, a música é usada como um marcador de fronteiras nacionais. Internamente, a música pode ser usada para fortalecer o sentimento de pertença, e o mesmo processo pode ser usado para marcar a diferença entre “nós” e o “outro”.

Neste sentido, parece que na música *kizomba* moçambicana há essa representatividade, potencialização e fortalecimento da identidade. E, assim, pensamos que essas práticas possibilitam a superação da discriminação e de preconceitos linguísticos presentes no país. Pois há, portanto, necessidade de promover ações que sejam capazes não só de “ler” essas diferentes realidades, mas também de valorizar e preservar as expressões culturais onde a língua pode servir de meio de enunciação. As músicas [...] carregam muitas marcas culturais e linguísticas (Santos, 2017, p. 225)

Entendemos que essa apropriação da identidade linguística Moçambique mostra uma ideia da necessidade de autonomia da variedade moçambicana,

buscando romper, deste modo, a cultura de língua padrão que desde muito vem assolando a comunicação dos moçambicanos.

E pode contribuir para a normalização e disseminação desses fenômenos linguísticos, pois, como qualquer expressão artística é poderosa em mover massa populacional e impactar na forma de se colocar no mundo, a música é ainda mais pelo nível de assiduidade na vida das pessoas.

Para Lundberg (2010, p. 32), “a função da música como símbolo unificador e o papel dos músicos enquanto representantes e mediadores da tradição, da etnicidade e da identidade é [...] transmitir ideias nacionalistas, ou ser empregue como ferramenta pedagógica”. Talvez sejam os aspectos mais importantes da música: “a sua habilidade para ser parte real da própria cultura e servir como transmissora e símbolo de comunidade cultural.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estivemos neste texto a analisar e comentar sobre o comportamento linguístico na música *kizomba* moçambicana e que marca reais manifestações linguísticas comunicativas da sociedade moçambicana no geral. Concretamente, sobre dois pontos dentro do sistema pronominal, neste caso, a variação na pronominalização que se dá pela não concordância do pronome pessoal oblíquo átono com a pessoa da forma verbal (1ª pessoa do plural) e a ordem pronominal referente a posição em que o clítico é colocado na sua relação com o verbo.

Sobre a variação na pronominalização, aferimos a sua maior produtividade nos músicos da faixa etária entre 17 a 23 anos de idade, o que pode significar que se trate de uma manifestação linguística mais ligada aos jovens, mas que pode ir se consolidando, considerando os contextos do seu uso (música) e as pessoas que as usam.

Relativamente à ordem pronominal, observamos uma categórica ou absoluta ocorrência da próclise, tanto em estruturas verbais simples quanto em complexas, independentemente de qualquer contexto frásico ou morfossintático.

E por fim, refletimos que essa apropriação da identidade linguística moçambicana pode ser olhada como ingresso artístico ao contexto social de Moçambique, afirmação da identidade e busca pela autonomia da variedade moçambicana, rompendo, deste modo, a cultura de língua padrão que desde muito vem assolando a comunicação dos moçambicanos.

Referências

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiano Alves. **A Sintaxe dos pronomes clíticos no Português em Feira Santana-BA: Uma comparação com o Português luandese**, MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 563-584.

ARSÊNIO, Domingos Pedro. **O Uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos: um estudo de caso com alunos da 9ª classe do complexo Escolar Samora Moisés Machel da Província do Kwanza-Norte/Angola.** Corvilhã, Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, 2018.

CARNEIRO, Zanaide de Oliveira Novais. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. Em ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de et al (Org.). **Variação linguística em Feira de Santana – Bahia.** Feira de Santana, UEFS Editora, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016.

COUTINHO, Eduardo Sales & TAVARES, Maurício Nogueira. **Lusofônico: diversidade da Música lusófona em programa de rádio,** INTERCOM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, **Nova Gramática do Português Contemporâneo,** Lisboa: Joao Sá da Costa, 2014.

GOMES, Victor. a pronominalização no Português da cidade de Xai-xai, Universidade Pedagógica, 2019.

LUNDBERG, Dan (2010), “Música como marcador de identidade: individual vs. colectiva”, CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), Revista Migrações - **Número temático Música e Migração,** Outubro 2010, n.º 7, Lisboa: ACIDI, pp. 27-41.

LIMA, Alexandre da Silva & SILVA, VANESSA, Alves Honorato da. **A Arte na construção da identidade cultural: Concepções e Materiais Didáticos favoráveis ao Ensino de Arte,** CONEDU, Universidade Del Sol – Py, (s/d).

MIKOLAJCZAK, Sylwa, **Características da variante moçambicana da língua portuguesa com base na análise morfossintática dos diálogos presentes nos romances e contos de Mia Couto,** Studia Romanica Posnaniensia, Universidade Adam Mickiewicz 2019.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2011. p. 49-87. MOURA, *Auro Sanson,* **Música e Construção de Identidade:** Pesquisa em andamento, Universidade Federal do Paraná.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001.** A multivariate analysis application for Windows. Disponível em: <http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>, acessado em: 4 de ago. de 2023.

SANTOS, Odair José Silva dos. **Línguas em contato e diversidade linguística: o léxico regional na música gauchesca,** Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 225-238, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 2017.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense**: uma análise Sociolinguística do Português no início do século XXI. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

VIERA, Silvia Rodrigues & VIEIRA, Maria de Fátima. A ordem dos Clíticos Pronominais no Português de São Tomé e Português de Moçambique. Em BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Dois Variedades Africanas do Português**: variáveis fonético-fonológicas e Morfossintáticas. 04531-934 – São Paulo – SP – Brasil, Edgard Blücher Ltda, 2018.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William.; HERZOG, Marvin. I. Fundamentos empíricos para uma teoria de Mudança linguística. Em LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (orgs.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195. Traduzido por Marcos Bagno, Parabola Editorial, Sao Paulo, 2006.

Biografia de Twenty Fingers, disponível em: <https://youtu.be/FXC2vmVWDkU?si=i0oQ2C9TEyLfUqli>. Acessado em: 3 de ago. de 2023.

Biografia de Messias Maricoa, disponível em: <https://youtu.be/ack4ieAHHWY?si=SPbtFB6xyE7vQt34>. Acessado em: 3 de ago. de 2023

Biografia de Filomena Maricoa, disponível em: https://youtu.be/ogYgw_Z0mtI?si=GwW1aCycC5YsAtNX. Acessado em: 3 de ago. de 2023.

Biografia de Percella, disponível em: <https://youtu.be/ZJyLtR7Sbw4?si=Gn7Xj4zNCIXVrabT>. Acessado em: 3 de agosto de 2023.

Biografia de Tamyris Moiane, disponível em: https://youtu.be/5ISzMmm_dbs?si=yXUUL9li3BzmpkD7. Acessado em: 3 de Agosto de 2023.

Biografia de Dikey Latify, disponível em: Acessado em: <https://youtu.be/vv9cdpiK3WY?si=A0KJfJh0A5ZtSOO>. 3 de ago. de 2023.

Para citar este artigo

MUTOBA, B. O.; ALMEIDA, N. L. F. de. Análise variacionista do Português de Moçambique a partir da Música Kizomba: o caso de pronominalização “desviada” e ordem pronominal. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 12, n. 4, 2023, p. 31-51.

Os autores

BENTO ORLANDO MUTOBA possui licenciatura em Ensino de Português com Habilitação em Francês, pela Universidade Save _ Moçambique (2022) e Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (2023), com pesquisa voltada a linha de Variação e Mudança do Português (Bolsita Capes).

NORMA LUCIA FERNANDES DE ALMEIDA possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1992), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana.